



Arquivos Urbanos: Memória e História na Cidade

The Urban Archives: Memory and History in the City

Paula Uglione

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro/FAPERJ/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Cristiane Duarte

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura PROARQ/Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ

Resumen

O presente artigo apresenta uma metodologia de análise da paisagem urbana, desenvolvida sob uma perspectiva da memória como elemento fundamental na relação pessoa-ambiente. É a partir da memória que as pessoas relacionam-se consigo mesmas e com o mundo que as cercam. Mas a memória não é algo que está em algum lugar na mente, não é armazenagem daquilo que foi vivido, mas é um processo de montagem, sempre atualizada, de *arquivos*, de repertórios. Memória é processo de representação psíquica das coisas, é simbolização. A memória é sempre requisitada na construção subjetiva do real. Conhecer os arquivos que as pessoas constroem dos espaços urbanos existentes em suas realidades de vida, possibilita conhecer de que maneira esta cidade existe, simbolicamente, ou seja, como ela é “inventada” na paisagem urbana. Assim, tendo como objetivo conhecer e analisar a paisagem urbana inventada pelos seus moradores, desenvolvemos uma metodologia de escritas de histórias da cidade, que se chamou Arquivo Mnemônico do Lugar. Aqui apresentaremos as etapas, os procedimentos e os resultados da utilização desta metodologia, num estudo de caso na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente, no estádio de futebol Engenhão. A utilização da metodologia demonstrou que as metáforas são fortes indicadores dos significados que as pessoas atribuem aos lugares. Alguns espaços, construídos ou não na paisagem urbana, possuem uma grande capacidade de acionar o trabalho da memória, sendo importantes *arquivos urbanos* da cidade

Palabras clave: **Memória; Arquivos urbanos; Cidade**

Abstract

This paper presents a methodology of urban landscape analysis, developed with an understanding of memory as a fundamental element in the person-environment relationship. The way people see themselves and the world around them is primarily influenced by memory, which is much more than a mere storage of experiences situated somewhere in an individual's mind. It is rather an ongoing construction and update of “archives.” Memory is a process of psychic representation of things; that is, symbolization. For this reason, it is always required in the subjective construction of reality. Getting to know the archives people build up about the urban spaces surrounding them allows the observation of the symbolic existence of their city and how it is “invented” through the urban landscape. Thus, aiming to investigate and analyze the urban landscape “invented” by its inhabitants, we have developed a methodology of writings of stories about the city, which has been named Arquivos Mnemônicos do Lugar (“Place Mnemonic Archive”). In this paper we will present the

stages, procedures, and results achieved by the methodology in the city of Rio de Janeiro, more specifically at the Engenhão stadium. The use of the methodology has demonstrated that metaphors are a major indicator of the meanings people associate with places. Some spaces in the urban landscape, either occupied by buildings or not, have proved excellent at jogging people's memories, being therefore important "urban archives" of the city.

Keywords: *Memory; Urban Archives; City*

Introdução¹

A cidade contemporânea transforma-se insistentemente num ritmo caótico e fragmentado. Muitas vezes buscar por uma “boa visibilidade” dessa cidade pode ser uma forma de “sossegar” as inquietude que esse espaço provoca com suas interrogações. Estudos realizados na cidade do Rio de Janeiro (Duarte & Uglione, 2005; 2008) indicam, numa outra direção, que alguns lugares numa cidade embora tenham uma forte presença visual na paisagem de um bairro, não têm, necessariamente, importância significativa na construção da “imagem” da cidade feita pelos seus moradores. E também, tais lugares, ainda que não sejam emblemáticos, possuem uma espécie de “força reveladora” que tem por efeito desvelar “silêncios” da cidade. Que lugares são, estes, numa cidade? Que lugares, ainda que não emblemáticos, ainda que não marcos urbanos, ainda que não necessariamente referências imagéticas na paisagem urbana, possuiriam tal força desveladora dos silêncios das cidades atuais?

Que lugares outros, talvez pouco reconhecidos, talvez recentes no território, poderiam ajudar a orientar caminhos para a compreensão e a promoção de transformações que emergem e que configuram os territórios urbanos na atualidade? Para Pierre Nora (1997) “os lugares de memória não são aqueles dos quais nos lembramos, mas lá onde a memória trabalha” (p. 18). A memória, pode-se concluir do autor, não pertenceria aos lugares, ela não estaria contida nos lugares, mas esses mobilizariam, acionariam, produziriam memórias. Talvez, então, ao invés de perseguir lugares emblemáticos (lugares “históricos”, “monumentais”) numa cidade, deveríamos tentar encontrar lugares que teriam um potencial de fazer a memória “trabalhar”. Tentar encontrar lugares de memória na cidade.

E isto não se confunde com a busca por qualquer tipo de lugar-guardião que funcionaria, pelo seu peso de signo, como protetor dos efeitos corrosivos que o tempo deixa (inevitavelmente) na vida, lugares nos quais estaria “guardada” uma memória a espera por ser descoberta e contemplada como prova (falsa) da resistência humana contra o tempo, o imprevisível, a morte.

Para Gilles Deleuze & Félix Guattari (1972/2010) é frente aos *acontecimentos*, aos instantes derradeiros nos quais a ampulheta gira, que o psiquismo, esta *máquina-desejante*, é acionada a produzir (outros e diferentes) significados para a vida. É frente ao novo, à falta de significado, ao caos, que a “vida insiste em buscar um sentido” (Conte, 2001, p. 153). É frente às transformações da vida que somos convocados a construir as nossas próprias histórias individuais e coletivas. É frente às “suspensões”, aos vazios próprios dos “deslocamentos” na cidade, que a máquina de escritura da memória urbana é ativada para as suas tarefas. Lugares de Memória, que por estarem em suspensão na cidade, exigem da memória o seu trabalho. Lugares em deslocamento no tecido urbano, lugares em transformação. Um espaço que passa por uma transformação, por uma mudança na sua configuração morfológica, funcional, é um lugar que se encontra em suspensão, que se encontra no vácuo inerente do estar entre o que foi e o que será. Estes lugares, lugares em suspensão, podem, talvez, guiar - pesquisadores, gestores da cidade, urbanistas - em direção a uma leitura dos movimentos territoriais pelos quais passa a *urbis* contemporânea. O presente artigo situa-se neste contexto, e nele apresentam-se pressupostos, conceitos e alguns resultados acerca do desenvolvimento de uma abordagem de leitura da cidade.

Memória, Identidade e Acontecimento

Estou certo de que os muros contra incêndios têm maior poder de impacto em nossa memória do que as fachadas principais... em certo sentido,

¹ Agência de patrocínio: Fundação Carlos Chagas de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro/FAPERJ.

uma cidade se define por seu impacto na memória das pessoas. (Wenders, 1984, p. 89).

Em 1895, Sigmund Freud escreve um texto célebre chamado Projeto de uma Psicologia Científica. Neste texto, num momento ainda iniciante de sua teorização, Freud apresenta um modelo de psiquismo pensado como uma “máquina de escrever”. Máquina, ou aparelho psíquico, como Freud acabou denominando, que iria, em passos sucessivos e complementares, capturando, organizando e disponibilizando elementos para serem o repertório a partir do qual as experiências perceptivas, comportamentais, cognitivas e afetivas de cada pessoa encontrariam um suporte. Máquina de escritura que dotaria cada pessoa de uma extraordinária capacidade de “montar”, movida por mecanismos psicológicos extremamente complexos, “verdades” a partir das quais a vida adquiriria significado e realidade. E isto seria a memória humana: uma máquina de montagem de uma matriz (um arquivo) feita de traços, a partir da qual o homem relacionar-se-ia consigo e com o mundo que o cerca. E o psiquismo seria, em última instância, um arquivo de memória.

Toda história é um eterno recomeço. E a memória participaria ativamente desse recomeço. Quando uma edificação importante para a vida de um grupo de pessoas é destruída, por exemplo, numa cidade, é preciso recomeçar, é preciso juntar os pedaços, fazer um remanejamento do que era. E assim na vida, de modo geral.

Esse é o movimento da história na vida: recomeçar. E a memória, enquanto processo psicológico, nada mais é do que a (re)escritura que o psiquismo vai fazendo frente aos *acontecimentos* da vida.

Maurice Halbwachs (1967) em seu conhecido tratado sobre memória coletiva, sinaliza que o papel crucial da memória na re-escritura das histórias incide principalmente no fortalecimento das identidades dos grupos numa sociedade. No mesmo caminho, para Steven Hoelscher & Derek Aderman (2004), memória e lugar são fundamentais na produção dos elementos que estruturam as identidades modernas.

Jacques Derrida (1995/2001), por sua vez, em uma re-leitura daquele modelo freudiano de psiquismo enquanto arquivo de memória, enfatiza a fenda sobre a qual a memória opera-

ria. A memória, enfatiza o autor, é uma ferramenta convocada a trabalhar nos “acontecimentos” da vida, lá onde ocorreram rupturas de identidade, onde ocorreram rasgos de reconhecimento. E, por ser uma “máquina escriturária” (Derrida, 1995/2001), a memória reinventaria significados, registrando no psiquismo o que ainda não existia enquanto marca mnemônica. Enquanto escritura, ela produz *repetição diferencial* daquilo que foi “rachado” pela intensidade do acontecimento, e assim, na “repetição diferencial” que ela produz, o que surge é o “simulacro”, o duplo, o estranho, o novo, que funda mundos diferenciais e, portanto, artísticos, ficcionais (Deleuze, 2011). O que se produz no campo da memória, nos arquivos de memória, é sempre da ordem da ficção.

Ao complementar seu modelo de aparelho psíquico, Freud (1896/1996) mostra, via estudos de casos clínicos, que os traços constitutivos do psiquismo são (impreterivelmente) atravessados por fantasias, por lembranças de coisas que nunca aconteceram, mas que foram fantasiadas por aquele que lembra. Portanto, os fatos que compõem uma história, individual ou coletiva, aconteceram ou são uma ficção do seu intérprete? Não há como distinguir, diz a teoria freudiana; as histórias construídas pela memória aproximam-se a um imaginário literário. Por fim, a memória não é um arquivo de registros a serem recuperados, ela é o exercício do registro, ela é a construção de “arquivos”. A memória é convocada a trabalhar nos “acontecimentos” da vida, porque ela cria, ela inventa significados a partir dos quais uma (nova) vida poderá acontecer.

Estes são os referenciais teóricos sobre ao quais alicerçamos o presente estudo. Concepções de memória, de arquivo e de história que nos forneceram um aporte teórico para refletir sobre a cidade contemporânea e suas emergências de transformação. Concepções que solidificam nosso entendimento de que o “exercício” psicológico de construção de arquivos é função premente na tarefa de criar as estruturas simbólicas que “edificam” os modos como as pessoas interagem com o mundo físico, arquitetônico e urbanístico nos quais vivem. Concepções que ressaltam o caráter ativo, construtivo, e atual, presente da memória. E, neste sentido, que possibilitam uma visão interessante e otimista sobre as forças que agem e que podem ser acionadas

nos momentos em que a vida exige reconstrução.

No que concerne ao planejamento urbano, tais concepções indicam que a memória deve ser um elemento-chave para as políticas de intervenção, especialmente quando se “reinventar” parece ser uma esperançosa (ou necessária) postura frente ao presente e ao futuro das cidades contemporâneas. Por isto, buscando contribuir com as reflexões sobre essas cidades, desenvolvemos uma metodologia de intervenção, que denominamos Arquivo Mnemônico do Lugar, e que é uma espécie de “máquina de escritura” que ajudaria a conhecer e a estimular formas através das quais as pessoas fazem frente aos acontecimentos da vida urbana.

Arquivo Mnemônico do Lugar

Moldagem do Lugar e as “Novas” Metodologia para Análise e Intervenção no Urbano

Diversos estudos das áreas das ciências sociais e humanas utilizam-se do conceito de Lugar. Para Yi-Fu Tuan (1983), “espaços” transformam-se em “lugares”, e isto ocorre através da experiência subjetiva no espaço. Não existe um momento exato em que o espaço “se torna” Lugar, mas um processo contínuo, ininterrupto e imperceptível (em muitos aspectos) no qual o ambiente é modificado: recebe afetos, toma novas significações, modifica o sujeito que o usa. A esse processo ininterrupto, Cristiane Duarte (1993) chamou de “moldagem do Lugar”. Na passagem do espaço ao lugar, há um processo artesanal de interação entre pessoas e o ambiente construído - neste sentido “moldagem”.

Alguns estudos realizados na cidade do Rio de Janeiro, ilustram este caráter de moldagem do lugar, que as experiências humanas operariam nos espaços.

Num estudo realizado por Duarte (1994), na favela Mata Machado, constatou-se que o enraizamento dos moradores ao local foi um quesito fundamental na vida das pessoas que moravam naquela favela. A arquitetura do local, com suas ruas e vielas conformam um espaço único, capaz de transmitir segurança e afeto necessários para garantir um suporte tranquilo de convívio e preparação para a vida futura das gerações que estão se formando. O estudo também demonstrou que ao usarem os lugares da favela, os moradores rein-

ventam seu passado de luta pela conquista do bairro que, no início do século XX, era uma propriedade de cultivo de café. Cada viela e cada beco se apresentam como partes de um passado re-construído constantemente: ora se trata do local de uma árvore que serviu para esconder a construção de um barraco e que, ao ser removida, conferiu a seu “dono” o status de morador definitivo, ora das margens do riacho onde os moradores mais antigos realizaram as reuniões da associação de moradores. Na experiência desses moradores com o espaço, os significados atribuídos aos lugares vão se materializando em eventos urbanos que, por sua vez, explicam, por exemplo, a razão da existência de locais “vazios”, como verdadeiras clareiras dentro de uma densa ocupação, funcionando quase como santuários dedicados à memória das conquistas de posse da terra.

Outro estudo liderado por Alice Brasileiro (2000), também na cidade do Rio de Janeiro, que acompanhou o desenvolvimento dos locais de encontro de um conjunto habitacional, as modificações das suas praças e dos seus espaços de uso comunitário, concluiu que, quando um grupo social compartilha visões de mundo, suas aspirações, expectativas e respostas às dificuldades apresentadas pelo cotidiano funcionam como um cimento de união social que encontra nos espaços construídos o locus de experimentação, vivência e sociabilidade para se consolidar.

Um terceiro estudo, realizado por Ana Lúcia Santos & Cristiane Duarte (2002), a partir da análise da população de rua, ratifica a concepção da arquitetura como construção de lugares, como uma maneira de produzir o mundo e, desta forma, produzir-se a si-mesmo. No referido estudo, a construção de uma “casa invisível” foi identificada no uso de equipamentos improvisados para delimitar espaços diferenciados na ocupação das ruas: “salas”, “quartos”, “cozinhas”, eram montadas pelos próprios moradores de rua, com a disposição de objetos pessoais e restos de materiais encontrados na rua. Tal estudo permitiu compreender que, destituídos do suporte espacial da “casa”, os moradores de rua desenvolvem mecanismos de compensação para suprir suas necessidades de espacialização das estruturas familiares e de proteção. Verificou-se, sobretudo, que a espacialização da morada é essencial para a integridade psíquica do sujeito.

Estudos, estes, que dão indicativos claros do aspecto dinâmico e “vivo” da moldagem do lugar.

O espaço construído é, acima e antes de tudo, um artefato cultural, e isto porque é, sobretudo, linguagem, por que é portador de significados e, principalmente, por que é materialização da visão de mundo dos grupos que o produzem.

Assim, aprender a olhar, a ler e a escutar a cidade e seus lugares como processos de transformação física e espacialização de valores éticos e estéticos, passa a ser uma tarefa e um desafio para todo pesquisador do urbano.

A observação atenta (Brasileiro, 2007), o olhar de dentro e de perto (Magnani, 2002), a imersão na ambiência (Duarte, 2007), são exemplos de toda uma “nova” perspectiva metodológica que a arquitetura e o urbanismo apropriam-se e re-significam dentro de sua “nova agenda” (Nesbitt, 2006).

Narrativas do Lugar e Narrativas Metafóricas do Lugar

O Arquivo Mnemônico do Lugar situa-se e justifica-se neste contexto de “novas” abordagens de leitura e de intervenção na cidade.

O Arquivo Mnemônico do Lugar é uma metodologia que compartilha, antes de tudo, com a crença de que “o conhecimento do mundo se dá por múltiplas e contraditórias perspectivas” (Uglione, 2008, p.67) e tem como princípios: 1) a memória é um elemento fundamental na relação pessoa-ambiente; 2) quando convocamos alguém a “fazer sua memória trabalhar”, estamos facilitando o trabalho de significação de uma dada realidade.

A paisagem urbana “inventada” pelos seus moradores: isto é o que o Arquivo Mnemônico do Lugar procura conhecer e, ao mesmo tempo, almeja estimular, ou seja, é uma ferramenta que ao ser utilizada na busca de conhecimentos sobre a cidade, também é uma ferramenta que “convida” os moradores de um bairro a “inventar” sua cidade, a fim de que ela exista significativamente nos arquivos individuais e coletivos de cada um e da cidade com um todo.

Arquivo Mnemônico do Lugar é um conceito que tomamos “emprestado” das concepções de memória e de registro mnemônico tanto

de Freud (1895/1996) quanto de Derrida (1995/2001).

Na abordagem de leitura da cidade que desenvolvemos, chamou-se de Arquivo Mnemônico do Lugar ao processo que é ativado ao ser feito para alguém uma demanda de rememoração acerca de um espaço construído e seu entorno, na cidade. Processo, este, que, segundo Freud (1914/1996), acionaria diferentes topologias (consciente, pré-consciente, inconsciente) e mecanismos psicológicos (captura, “apagamento”, inscrição, representação de traços) no “exercício” de inscrição no psiquismo, dos traços retidos pela percepção.

Os procedimentos metodológicos do Arquivo Mnemônico do Lugar consistem em: 1) solicitar a um grupo de pessoas que narrem sobre as recordações que têm acerca de determinados espaços da cidade; 2) compor um texto, chamado Narrativa do Lugar, feito do conjunto dos relatos destas recordações; 3) selecionar do texto composto (da Narrativa do Lugar) as metáforas presentes; 4) compor um segundo texto, chamado Narrativa Metafórica do Lugar, feito das metáforas selecionadas e agrupadas por *continuidade* e por *semelhança* entre si.

A Narrativa do Lugar, em seu conteúdo manifesto (o texto formado pelos relatos) é tomada enquanto o conjunto dos traços que chegam à consciência dos seus narradores. Nela, as metáforas presentes são tomadas como zonas de sombra (Pollack, 1989), como “tipologias do silêncio”, como duplos, como aquilo que se repete (diferencialmente) na memória enquanto efeito da simbolização (através de “jogos” de linguagem) de traços que, num outro tempo (passado), pelos mecanismos psicológicos de “apagamento”, não foram inscritos no psiquismo.

A linguagem tem seus pontos de invisibilidade (Derrida, 1973), uma vez que ela é capaz de ocultar (para a consciência) o que se inscreveu ou de inscrever (no inconsciente) o que não está escrito (na consciência).

No seu conjunto, o Arquivo Mnemônico do Lugar, através de seus procedimentos, “imitaria” os mecanismos nomeados por Freud (1914/1996), ou seja, ela seria uma ferramenta de “fazer a memória trabalhar”, de realizar a construção de arquivos pessoais e coletivos na e da cidade, nos quais aquilo que estava oculto mas que insiste em se inscrever

como traço - e que apareceria “escondido” na forma metafórica - estaria também presente.

A Narrativa do Lugar escreve uma história do lugar, composta a partir de relatos orais de “narradores” da cidade (pessoas que moram e/ou transitam pelos bairros de uma cidade), e a Narrativa Metafórica do Lugar escreve a mesma história, mas através de suas sombras, seus duplos, seus silêncios. Essa, composta a partir das metáforas presentes na Narrativa do Lugar, e tendo, como narradores, os pesquisadores/interventores na cidade.

Narrativa do Engenhão

O Estádio Olímpico João Havelange, conhecido como Engenhão, localiza-se no bairro de classe média e média-baixa na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, chamado Engenho de Dentro. Este bairro tem sua origem no período colonial do Brasil, tendo sido em toda a sua extensão um engenho de açúcar. A partir da segunda metade do século XIX, em suas terras começou a passar a Estrada de Ferro Pedro II, posteriormente denominada Estrada de Ferro Central do Brasil.

O Engenhão foi planejado para integrar o conjunto das obras destinadas aos Jogos Pan-americanos de 2007 no Brasil. Construído no antigo terreno da Rede Ferroviária Federal, suas obras iniciaram-se em 2003 e foram finalizadas em 2007.

A edificação do Engenhão foi o resultado de um brusco processo de transformação no bairro e na vida das pessoas que nele residem ou circulam. O Engenho de Dentro, um bairro essencialmente familiar, cuja organização sempre girou em torno das oficinas de trens que existiam no terreno da Rede Ferroviária, agora recebia uma construção de grande escala, que exigia mudanças radicais na sua infraestrutura e, principalmente, que alterava uma longa história de rotinas e atividades que, por muitos anos, aconteciam no local.

Uma edificação que provocava *acontecimentos*, que fazia girar a ampulheta da vida do bairro, acionando significações a partir das quais novos territórios poderiam (e necessariamente precisariam) se configurar naquela paisagem urbana.

Com isto, o Engenhão nos pareceu um lugar em suspensão na cidade. Um lugar sobre o qual valeria a pena se debruçar e através dele

vislumbrar e estimular o processo de “invenção” da cidade.

E assim fizemos, tomando o Engenhão como espaço sobre o qual “narradores” do bairro fariam seus relatos e, através da Narrativa do Engenho e da Narrativa Metafórica do Engenho, inventariam uma (outra) história para aquele bairro, para aquele lugar na cidade.

Utilizando os procedimentos do Arquivo Memória do Lugar, consideramos os transeuntes do bairro Engenho de Dentro como possíveis narradores de histórias do Engenho: leitores/ouvintes da cidade, sujeitos de memória, impelidos pelas pedras da cidade a fazerem suas “máquinas de escritura” trabalhar e dar significado a uma nova realidade que se configurava.

Dentre esses transeuntes do bairro, participaram como “narradores”, 54 (cinquenta e quatro) sujeitos, homens e mulheres com idades entre 16 (dezesesseis) e 24 (vinte e quatro) anos. A seleção dos narradores foi feita de forma espontânea, sem estratificação prévia, e tendo como critério a disposição das pessoas que andavam nas ruas do bairro para “contar algo sobre o Engenho” - pergunta que iniciava o contato entre os pesquisadores e aqueles que circulavam no bairro.

No que concerne ao número de narradores, seguiu-se um critério bastante subjetivo indicado por Jacques Marre (1991), que é o do esgotamento de informações, ou seja, interromper a solicitação de novos sujeitos quando a “novidade” não está mais tão presente nos relatos.

A partir do momento em que os sujeitos demonstravam disponibilidade para contar suas histórias do Engenho, iniciava-se uma “conversa ordinária” (Ricoeur, 1998) entre narrador (transeuntes no bairro) e o receptor (pesquisador). O tempo de duração das conversas variava conforme a disponibilidade dos narradores e as circunstâncias nas quais as conversas ocorriam. Os relatos orais dos narradores foram gravados pelos pesquisadores no momento da conversa e transcritos com o auxílio das anotações feitas pelo pesquisador durante a conversa.

Esses relatos orais compuseram a Narrativa do Engenho, uma narrativa coletiva, feita da justaposição de relatos orais individuais dos diversos narradores.

A seguir, um trecho da Narrativa do Engenho composto pelos relatos de quatro narradores, que, para manter o anonimato, chamaremos de narrador A, narrador B, narrador C e narrador D. Relatos obtidos de "conversas" realizadas entre os dias 01 e 10 do mês de junho do ano de 2008. Este trecho foi escolhido aleatoriamente, dentre os demais que compõe a Narrativa do Engenho, e no qual está a presença do que consideramos ser uma metáfora na Narrativa do Engenho.

Meu pai era comunista. Os prédios eram pros trabalhadores da Central e foram leiloados, foi um cambalacho: a Central fez um jogo que os prédios que foram construído em 1940 era vendido como se foi construído em 1960 (narrador A, entrevista pessoal, 04 de junho de 2008). Tinha uma oficina Trajano de Medeiros que era subsidiada da Central...tinha um time de futebol o Adélia e o Engenho de Dentro. Mas tudo era uma imundice (narrador B, entrevista pessoal, 10 de junho de 2008). Este Estádio foi uma pilantragem, e o dinheiro foi de quem? O Engenho não é usado mesmo. Não existe evento nenhum. E depois da obra tem falta de água nos apartamentos (narrador C, entrevista pessoal, 04 de junho de 2008). Tranquilo, sem grandes comércios...até hoje não vi novidades com esse museu (Engenho)...é um elefante branco (narrador D, entrevista pessoal, 04 de junho de 2008).

Narrativa Metafórica do Engenho

Elefante branco é uma metáfora na Narrativa do Engenho porque é uma palavra que significa (tantas) outras palavras.

Diversas metáforas estavam presentes nos relatos orais dos narradores do Engenho de Dentro, como por exemplo, *monstro parado*, *trem fantasma*, entre outras. Contudo, nenhuma delas apareceu nos relatos, repetidas vezes, como ocorreu com a metáfora *elefante branco*. Essa, retornava e retornava novamente nos relatos, parecendo insistir no trabalho de se inscrever nos arquivos do lugar. E por isto tomaremos ela para ilustrar um trecho da Narrativa Metafórica do Engenho.

Quais outras palavras esta metáfora poderia estar significando? O que é o *elefante branco*? Que traço(s) ele simboliza na Narrativa do Engenho? O que insiste em se inscrever nas histórias do lugar e da cidade?

Percorrendo tais pergunta e seguindo os procedimentos do Arquivo Mnemônico do Lugar, percorremos a Narrativa do Engenho em busca dos traços que se ligavam a elefante branco, bem como em busca de outras metáforas

que pareciam aproximar-se deles, seja por continuidade, seja por semelhança.

Percorrendo, assim, a Narrativa, agora eram os pesquisadores que, no papel do que Derrida (1995/2001) chama "intérpretes do arquivo", seriam os narradores na Narrativa Metafórica do Engenho.

A seguir, trechos da Narrativa Metafórica do Engenho, escritos a partir da aproximação entre as metáforas (e seus traços) *Elefante Branco* e *Monstro Parado*.

É um lugar abandonado pelo desinteresse, pelo esquecimento, pela não/má utilização. O abandono é, acima de tudo, o de sua disfuncionalidade, afinal ele era o lugar (dos trens) que não estava funcionando. Ele é disfuncional: o campo tem quatro entradas, mas ficou um vazio muito grande. Ele era uma área enorme, mas inaproveitável. Uma oficina com vários trens, mas parados. Sua existência sempre foi pesada: ele foi um terreno cheio de trem. Ele é este gigante, mas agora ele é bom, tem segurança, movimento e lucro, a rua fica animada.

Seu abandono decepciona: a área foi valorizada, mas a padaria ali da esquina faliu. No começo, a sua construção parecia uma boa, mas depois acabou não valorizando a área nem trazendo grandes mudanças. Parecia que teria mais movimento. Prometeram um viaduto, alargamento das ruas, e nada. Mas pode apostar! Nele se acredita, o bairro melhorou, tem gente circulando, é mais bonito, e tudo valorizou.

Longe de ser a "solução" é a "boa sorte" da cidade: Se não tivessem construído o estádio, teria se transformado num favelão. Como um ornamento (um elefante branco na estante) meio "fora de moda" na cidade, não é uma obra de primeira qualidade, ele é pra "inglês ver". Pelo menos ficou mais bonito que antes...agora: celebridades! Mas ele trouxe vida ao bairro, é por sua causa que todo mundo agora lembra do Engenho de Dentro.

Ele melhorou o visual, o ambiente, as calçadas, é um bicho impressionante, e vem até turista agora aqui. Ele é uma ilusão. Entre esperança e descrença, este elefante branco se mantém presente no cenário urbano, inofensivo. Ele parece acomodar-se à cidade: tranquilo, sem grandes comércios. Tem uma escola pública onde botaram um muro e ela ficou lá.

Lá só teve joguinho de brincadeira! Ele é um lugar do jogo enquanto brincadeira: sua envergadura é a da diversão, do lúdico. Mas é na sua desativação (que ficou desativado), na sua condição (talvez impreterível) do que não se cumpre totalmente, do que decepciona, em seu abandono - e possivelmente por causa disto tudo - é que o jogo e a vida nele acontecem: depois ficou tudo abandonado e o pessoal passou a pular o muro para jogar bola no campinho, a soltar pipa em cima dos trens.

Em seu deserto, tinha pé de melão, manga, bambu. No terreno vazio que não acontecia nada, lá foi o lugar da infância, onde o pai, o tio e o avô trabalhavam. É na disfuncionalidade que ele vive no bairro: quando tem jogo (oficial), eles só abrem as saídas onde não tem comércio, é só prejuízo. Ninguém invadiu nada, ele foi e continua sendo ocupado (pelos desocupados?): clube de idosos, festas, carnaval, meninos que brincam de skate, de bicicleta. Ele é um lugar tipo museu, que não mostra nada de novidade, pelo contrário, era um depósito de trem, de saudades, de fracassos e de expectativas; um campo sem prédios, aberto, parado, cujo destino parece ser o de deixar mesmo um espaço muito grande na cidade, o de circunscrever (enchendo com ferragens, por exemplo) um lugar vazio onde seja possível um “a longo prazo” (um futuro) na cidade.

Silêncios na Cidade e Lugar de Memória

O Engenhão rompeu silêncios da/na cidade, convocando as pessoas a inventarem histórias dele, do bairro e de si mesmas.

Através dele (Engenhão) e de sua força enquanto “acontecimento” na cidade, o passado é re-escrito na medida em que o presente exige um sentido.

O Engenhão é um “lugar de memória”?

Sim, se por meio deste termo estivermos dotando-o da capacidade de provocar rupturas na cidade, e com elas a urgência de memória, se significação. Lugar de Memória não por conter (no sentido de conteúdo e de contenção) histórias da cidade, nem por ser muito lembrado, ou por ser marco urbano, mas por provocar evocações na/da cidade. O que existe no Engenhão não são resíduos de memória, mas “intensidades traumáticas” (Deleuze, 1968/1988).

Engenhão, pedaço de um mundo que nem sempre se compreende e, que por isto, pelo vazio de sua incompreensão, não necessariamente empurra o sujeito à angústia existencial, mas o forçam ao encontro com o *petit a* (Lacan, 1960/1988), com o objeto-causa do desejo, exigindo, assim, o trabalho da memória e a escrita de histórias.

O Elefante Branco se Inscreve no Arquivo da Cidade

Mas o que é o *elefante branco*? Este traço que insistiu em se inscrever na memória da cidade, que as narrativas do Engenhão contam?

Elefante Branco, uma imagem (e uma forma) tão fácil e simples, que habita o imaginário de qualquer pessoa, um traço-tipo, *quicá ba-*

nal (Rowe & Koetter, 1975/2006), ou convencional, a partir do qual, talvez, todo arquivo de uma cidade se reconstrói: de elementos simples, elementares, criados no solo comum das identidades culturais e dos valores de um sociedade. Uma *permanência do glossário da cidade* (Venturi, Scott & Izenour, 1972/2003), ou um arquétipo, cujo apelo emocional comum desvenda “preocupações eternas” (Rossi, 2001, p. 381). Pode ser que ele seja um modesto vestígio, um humilde testemunho, através dos quais (de traços modestos e humildes) a memória é feita; traço “mesquinho” (Foucault, 1979/1984) da memória da cidade.

“*Em seu deserto, tinha pé de melão, manga, bambu...*” Elefante Branco, “restos” do mundo, estampado/inscrito no arquivo da cidade a descentrar o sujeito, a confrontá-lo com o estranho habitar-o-mundo cultural - território dos humanos, nem feito de “coisas concretas”, como supunha Christian Noerberg-Shultz (1983/2006), mas tão pouco de “abstrações da ciência”, como ele receava.

“*Se não tivessem construído o estádio, teria se transformado num favelão.*” *Colagem* (Rowe & Koetter, 1975/2006) na paisagem, ele dá testemunhos do cenário fragmentado do qual é feito todo tecido urbano contemporâneo.

“*Não é uma obra de primeira qualidade, ele é pra inglês ver, mas ele trouxe vida ao bairro.*” Elefante Branco e sua *estética negativa* a confundir na percepção na/da cidade “as fronteiras do feio e do bonito, do horror e do sublime” (Souza, 2001, p. 128). Não foi pela sua *boa forma* (Lynch, 1960/2010) que ele se inscreveu na cidade, mas como metáfora do excesso, “*uma área enorme, mas inaproveitável*” e do desajeitado, “*o campo tem quatro entradas, mas ficou um vazio muito grande*”. Foi enquanto peso e ao mesmo tempo fragilidade que ele se “colou” nos arquivos, “*escrevendo*”, neles, sobre o abandono, o descaso, a saudade e o fracasso daquele/naquele lugar e daquela/naquele cidade.

“*Ele é um bicho impressionante*”. O *elefante branco* talvez seja uma imagem infantil que se inscreveu no arquivo mnemônico para nos lembrar o quanto existe, como acredita Gaston Bachelard (1974), de sonho e de imaginação na relação que estabelecemos com a cidade.

Os traços ligados ao *elefante branco* escreveram sobre a decepção na/da cidade: ele parece ser a metáfora do que desilude na cidade para que ela (a cidade) “sempre outra de si mesma” (Schultz, 2008) possa continuar a se impor.

“Prometeram um viaduto, alargamento das ruas, e nada. Mas pode apostar!” O elefante branco decepciona, mas traz esperança. “Quando despertamos pela manhã como sabemos que o sonho parou?” - pergunta Charles Melman (2003, p. 28) - “sem dúvida é porque tomamos contato com uma forma de decepção que organiza nossa realidade” - responde ele.

Não parece que nosso mamute branco tenha se inscrito na memória de um lugar para favorecer formas de vida sem “rupturas brutais”, como entende Denise Jodelet (2002) a cerca dos efeitos de memória na cidade.

Ele é um “trauma” na cidade. Por fim, o Elefante Branco é um disfarce (Deleuze, 1968/1988), e, por isto, ele é um pouco (e por definição) incognoscível. Ele é mais do que quer que possa simbolizar, ele é um símbolo do que não pode ser (totalmente) conhecido da /na cidade, nem pela percepção e nem pela memória.

Conclusão

A cidade do Rio de Janeiro vive, na atualidade, uma espécie de “renascimento” cultural. Por razões diversas, dentre elas, as expectativas e os investimentos gerados e destinados aos dois grandes eventos esportivos mundiais que serão realizados no Brasil, que são a Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016, o patrimônio cultural e a arquitetura da cidade estão na pauta de todos os círculos.

A construção de grandes (e dispendiosos) museus, como o Museu da Imagem e do Som, o Museu do Mar e o Museu do Amanhã, alterna-se enquanto projetos em andamento na cidade, com a revitalização de áreas urbanas construídas e degradadas, como a área portuária, dando indícios das políticas vigentes, ainda que nem sempre explícitas, de memória urbana na cidade do Rio de Janeiro.

Se o Engenhão foi aqui considerado um lugar de memória na cidade, é porque nele as forças de transformação urbanas estão presentes. Seja por sua arquitetura inquietante, seja por seus usos, ou pelos seus modos políticos,

sociais, operacionais de se inserir na cidade, ele acionou intenções significadoras, vontades e/ou necessidades humanas de re-significação da realidade.

E se o Arquivo Mnemônico do Lugar foi desenvolvido e utilizado é enquanto metáfora, mais do que enquanto modelo, de ferramentas e intervenções urbanas que façam a cidade “falar”; que a façam construir sua memória, ao inventar suas histórias.

Neste sentido, reconhecemos que nosso otimismo está mais ao lado das políticas e ações de revitalização nas cidades, especialmente naquelas as quais, como o Rio de Janeiro, possuem uma enorme riqueza e complexidade cultural e urbana.

Mas acima de tudo, as considerações feitas ao longo deste artigo não vislumbram, de maneira nenhuma, alguma política específica de intervenção nas cidades, mas apenas pretende ser uma contribuição para as reflexões sobre a memória urbana enquanto atividade psicológica ativa e ativada no presente, que age na construção e significação de modos e práticas de vida.

Referencias

- Bachelard, Gaston (1974). *La poétique de l'espace* (8 ed.). Paris: PUF.
- Brasileiro, Alice (2000). *Espaços de Uso Comunitário em Programas Habitacionais: Entre o Discurso e a Prática*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Brasileiro, Alice (2007). *Rebatimentos espaciais de dimensões sócio-culturais: ambientes de trabalho*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Conte, Julio (2001). O silêncio dos espaços infinitos. En Edson Souza y Elida Tessler (Ed.), *A invenção da vida: arte e psicanálise* (pp.150-154). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Deleuze, Gilles (2011). *Le Bergsonisme* (4 ed.). Paris: PUF.
- Deleuze, Gilles (1968/1988). *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal.
- Deleuze, Gilles & Guattari, Felix (1972/2010). *O Anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia* (1 ed.). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Derrida, Jacques (1973). *Gramatologia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

- Derrida, Jacques (1995/2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Duarte, Cristiane (1993). *Intervention Publique et Dynamique Sociale dans la Production d'un Nouvel Espace de Pauvreté Urbaine: Vila Pinheiros, à Rio de Janeiro*. Tese de doutorado. Université Paris 1.
- Duarte, Cristiane (1994). The Raising of a Community: Urban Experience in a Low Income Settlement in Rio de Janeiro. En Simon Neary (Ed.), *The Urban Experience* (pp. 62-82). Londres: E&FN Spon.
- Duarte, Cristiane R. & Uglione, Paula (2005, setembro). *A memória coletiva e as transformações do espaço urbano nas cidades latinoamericanas*. Comunicação apresentada no XI Seminário de Arquitetura latinoamericana, Cidade do México, México.
- Duarte, Cristiane (2007). O projeto como metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. En Cristiane, Duarte y Paulo Rheingantz (Ed.), *Lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo* (pp. 112-120). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Duarte, Cristiane R. & Uglione, Paula (2008, janeiro). *A memória dos lugares no espaço urbano: um estudo na cidade do Rio de Janeiro*. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional de Integração e desenvolvimento Sócio-Cultural, Lisboa, Portugal.
- Foucault, Michel (1979/1984). *Microfísica do poder* (4 ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, Sigmund (1895/1996). Projeto de uma psicologia científica. En *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume I*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, Sigmund (1896/1996). A etiologia das neuroses. En *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume III*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, Sigmund (1914/1996). Recordar, repetir e elaborar. En *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume XII*. Rio de Janeiro: Imago.
- Halbwachs, Maurice (1967). *La mémoire collective* (12 ed.) Paris: PUF.
- Hoelscher, Steven & Aderman, Derek (2004). Memory and place: geographies of a critical relationship. *Social & Cultural Geography*, 5, 347-355.
- Jodelet, Denise (2002). A cidade e a memória. En Vicente Del Rio Y Cristiane Duarte (Ed.), *Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo* (pp. 21-32). Rio de Janeiro: ContraCapa.
- Lacan, Jacques (1960/1988). *O Seminário: Livro 7 - A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lynch, Kevin (1960/2010). *A imagem da cidade* (2 ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Magnani, José Guilherme (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), 32-45.
- Marre, Jacques Leon (1991). História de vida e método biográfico. *Cadernos de Sociologia*, 17, 31-43.
- Melman, Charles (2003). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Nesbitt, Kate (Ed.) (2006). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965 - 1995*. São Paulo: Cosac Naif.
- Nora, Pierre (1997). Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. En Nora Pierre (Ed.), *Lês Lieux de Mémoires* (pp. 23-43). Paris: Gallimard.
- Pollack, Michael (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 3, 10-21.
- Ricouer, Paul (1998). Arquitetura e narratividade. *Urbanisme*, 303, 44-51.
- Rossi, Aldo (2001). *Arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rowe, Colin & Koetter, Fred (1975/2006). Cidade-colagem. En Kate Nesbitt (Ed.), *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. (pp. 293-322). São Paulo: Cosacnaif.
- Santos, Ana Lucia V & Duarte, Cristiane (2002). Casas Invisíveis: Um Estudo da População de Rua do Rio de Janeiro. En Vicente Del Rio y Cristiane Duarte (Ed.), *Projeto do Lugar: Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo*. (pp. 273-282). Rio de Janeiro: Contracapa.
- Souza, Edson L. A. (2001). Uma estética negativa em Freud. En Edson Souza y Elida Tessler (Ed.), *A invenção da vida: arte e psicanálise* (pp. 125-133) Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Schultz, Sonia Hilf (2008). *Estéticas urbanas: da pólis grega á metrópole contemporânea*. Rio de Janeiro: LTC.
- Venturi, Robert; Scott, B. Denise & Izenour, Steven (1972/2003). *Aprendendo com Las Vegas: o simbolismo (esquecido) da forma arquitetônica*. São Paulo: CasacNaify.
- Tuan, Yi-Fu (1983). *Espaço e Lugar*. São Paulo: Difel.

Uglione, Paula (2008). *A Memória na Cidade e a Invenção do Lugar*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Wenders, Win (1984). Seção Livre: Entrevista de Win Wenders a Hans Kollhoff. *Espaços e Debates*, 38, 83-91.



PAULA UGLIONE

Psicóloga, Doutora em Arquitetura UFRJ/Brasil, Professora, Pesquisadora e Consultora em Psicologia Ambiental.

CRISTIANE DUARTE

Arquiteta, Doutora em Arquitetura Université Paris I/França, Professora, Pesquisadora

DIRECCIÓN DE CONTACTO

puglione@ig.com.br

FORMATO DE CITACIÓN

Uglione, Paula y Duarte, Cristiane (2011). Arquivos Urbanos: Memória e Identidade na Cidade. *Quaderns de Psicologia*, 13(1), 91-101. Extraído el [día] de [mes] del [año], de <http://www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/nartículo>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido 08/03/2011
Primera revisión 29/04/2011
Segunda revisión 23/05/2011
Aceptado 27/05/2011